



LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros cidade afora*. (Tradução, Jesus de Paula Assis) São Paulo, Editora UNESP, 2000.

MADUREIRA, Alessandra Vinco A. Calixto; MONTEIRO, Daniela de Souza Mazur Monteiro; URBANO, Krystal Cortez Luz. Fãs, mediação e cultura midiática: dramas asiáticos no Brasil. *Jornada Internacional GEMInIS. São Carlos-São Paulo-13 a*, v. 15, 2014.

MARQUES, Ana Flávia. Brasil é o 3º país do mundo que mais consumiu doramas na pandemia. O povo, 2021. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/vidaearte/2021/08/10/brasil-e-o-3-pais-do-mundo-que-mais-consumiu-doramas-na-pandemia.html/>. Acesso em: 26 de mai. de 2022.

ORNELL, FELIPE et al. Pandemia de medo e Covid-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Debates em Psiquiatria*, v. 10, n. 2, p. 12-16, 2020.

ROSA, Daniela Fernandes Costa da. *O que os K-Dramas querem?*. UFRGS . 2019.

SERNAGIOTO, Felipe Azevedo. *O fenômeno Hallyu: a cultura sul-coreana como instrumento de soft power no século XXI*. UNIFESP. 2022.

SILVA, Bárbara Fernandes. O USO DE HIDROXICLOROQUINA E CLOROQUINA PARA A PREVENÇÃO E TRATAMENTO DO CORONAVÍRUS: A CONTROVÉRSIA CIENTÍFICA QUE MARCOU A PRIMEIRA PANDEMIA DO SÉCULO XXI NO BRASIL. *Revista do EDICC-ISSN 2317-3815*, v. 8, n. 1, p. 220-234, 2022.

PANORAMA DA LITERATURA NARRATIVA NA HISTÓRIA NORTE-AMERICANA: DOS PRIMÓRDIOS AO PERÍODO REVOLUCIONÁRIO

Karina Késia de Lima
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
delimakarinakesia@gmail.com

RESUMO: A partir da análise de obras que tratam a respeito da literatura surgida durante o período de colonização dos Estados Unidos da América até a literatura produzida durante o período revolucionário, este trabalho objetiva traçar o percurso histórico da narrativa norte-americana, analisando a importância da literatura oral e dos relatos escritos durante o século XVII. Ademais, será destacada a literatura puritana, assim como a literatura surgida na Era da



Razão, bem como o surgimento dos primeiros grandes escritores de ficção desse período. Em síntese, o presente trabalho baseia-se em referências como Bessa (2008), High (1986), McMichael (1986) e VanSpanckeren (1994) e apresenta um panorama de obras literárias que, além de ajudarem a construir a identidade cultural norte-americana, também foram responsáveis por significativas mudanças sociais e políticas.

Palavras-Chave: Literatura Americana; Literatura Narrativa; Era da Razão.

1 Introdução

A Literatura Norte-Americana conta atualmente com uma enorme variedade de obras, sendo de importante contribuição para a literatura universal é considerada uma das mais conceituadas do mundo. Entretanto, o cenário literário norte-americano nem sempre foi assim. Antes do assentamento de colônias britânicas nas terras conhecidas como Novo Mundo, a literatura da época era produzida pelos nativos indígenas e assumia um caráter exclusivamente oral, sendo composta por mitos, lendas e canções diversas (Bessa, 2008).

Após o início da colonização inglesa nas terras do Novo Mundo, tivemos o surgimento da primitiva Literatura de Exploração, que consistia em cartas, diários de bordo, livros de viagem, entre outros (High, 1986). Essas obras conduziam informações sobre as terras exploradas até o continente Europeu. Posteriormente, com o assentamento definitivo das colônias britânicas, se inicia a Literatura Colonial, que consiste em relatos da colonização, além de obras voltadas para gêneros religiosos e de não ficção (VanSpanckeren, 1994).

No século XVIII, o cenário político americano foi marcado pela Revolução contra a Grã-Bretanha, que findou a independência política do país. A literatura produzida nessa época, chamada de Literatura Revolucionária, foi insuflada pelas esperanças do surgimento de uma grande e renovada literatura, entretanto, exceto pelos trabalhos políticos, poucas obras se tornaram dignas de destaque. Os Estados Unidos só vieram a obter sua independência literária e cultural cerca de 50 anos depois, com o surgimento da primeira geração de grandes escritores norte-americanos (Bessa, 2008; VanSpanckeren, 1994).

Por conseguinte, o presente trabalho objetiva contribuir para a compreensão acerca da cultura, história e valores norte-americanos, bem como explorar as experiências e perspectivas de grupos diversos a fim de entender a formação de identidades individuais e coletivas do país. Também objetivamos construir um trabalho que permita a reflexão e compreensão crítica de questões sociais e políticas tratadas pelos autores ao longo da história norte-americana.



Dessa forma, a fim de investigar a origem e o percurso da literatura narrativa surgida em solo americano, bem como sua importância sócio-histórica na construção da identidade norte-americana e nas mudanças políticas e sociais trazidas pela revolução, justificamos a pesquisa como sendo a oferta de um breve panorama literário aos estudantes de graduação e todos aqueles interessados em literatura americana. Para atingir os objetivos pré-estabelecidos, tomamos como metodologia a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e apresentação de análise crítica.

Com base em trabalhos publicados por autores como Bessa (2008), High (1986), McMichael (1986), VanSpanckeren (1994), esse trabalho irá tratar da Literatura Pré-Colonial, da Literatura de Exploração, da Literatura Colonial e da Literatura Revolucionária. Ademais, destacamos o surgimento dos primeiros escritores de ficção estadunidenses, que contribuíram para a disseminação de obras literárias americanas pelo mundo.

Em suma, com este trabalho pretendemos contribuir para a compreensão da cultura e história dos Estados Unidos, proporcionando aos leitores a análise e reflexão crítica de textos literários, históricos e sociais que refletem as mudanças ocorridas ao longo dos anos nos EUA. Assim, os mesmos poderão desenvolver uma visão mais profunda das transformações sociais e políticas ocorridas, concebendo, dessa forma, um retrato cultural e sociopolítico do país feito primariamente através da Literatura.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Literatura Pré-Colonial

A Literatura Pré-Colonial, surgida nas terras hoje conhecidas como Estados Unidos foi desenvolvida pelas tribos indígenas nativas da América do Norte. Essas tribos iniciaram a produção literária norte-americana através da transmissão oral de contos, poemas, mitos e lendas. Segundo Bessa (2008), apesar de não haver registros escritos da literatura produzida durante esse período, sabemos que mais de 500 formas diferentes de linguagem indígena existiam nessa época em solo americano, o que resultou em uma literatura oral nativa extremamente diversa.



Ainda segundo Bessa (2008), no tocante às variações tribais existentes nesse período, as tribos mantinham sua própria religião, sendo que muitas adoravam deuses, plantas, animais ou outras divindades. Ademais, o sistema governamental variava entre teocracias, democracias e conselhos de idosos. Tamanhas variações culturais também se manifestaram na literatura oral produzida por esses povos, entretanto, alguns pontos em comum ainda podem ser identificados nessas produções. Com relação a essas semelhanças, podemos afirmar que em muitas histórias indígenas há a presença marcante da natureza como mãe espiritual e física.

Nesse sentido, Bessa (2008, p. 11) descreve: “A natureza é viva e imbuída de formas espirituais; os personagens principais podem ser animais ou plantas, frequentemente em forma de totens associados a uma tribo, grupo ou indivíduo”. A exemplo disso, temos a lenda do grupo nativo-americano Sioux, que trata a respeito da importância do milho, um alimento fundamental para os nativos norte-americanos.

Para Bessa (2008, p. 13) exemplos da literatura oral podem ser abundantemente encontrados na literatura indígena norte-americana, tais como: “poemas, cantos, mitos, contos de fadas, anedotas cômicas, encantamentos, adivinhações, provérbios, poemas épicos e lendas.” Além disso, VanSpanckeren (1994) reitera que a produção literária nativa também era permeada por relatos da vida dos antepassados indígenas e histórias da criação. Entre essas histórias, podemos destacar uma bastante popular: a história de uma tartaruga que tem o mundo moldado em seus cascos pelo criador Maheo. Foi esse o mito que deu origem ao nome indígena para a América, ‘Ilha da Tartaruga’.

Em síntese, Bessa (2008), considera que apesar da tradição oral indígena ter contribuído consideravelmente para a construção da literatura norte-americana, ela ainda é um tópico pouco percebido e explorado. Nos séculos seguintes, um novo gênero literário iria emergir nos Estados Unidos, quando o mesmo passava por mudanças significativas, como a expansão de seus territórios em razão da colonização.

A exploração de terras desconhecidas e o contato com culturas indígenas resultaram na criação de um conjunto de obras literárias que documentam essas explorações, não apenas geográficas, mas também culturais e sociais. Esse conjunto de obras engloba os primeiros escritos literários nos Estados Unidos, inseridos no período da Literatura Norte-Americana que ficou conhecido como Literatura de Exploração, que será amplamente discutido a seguir.



2.2 Literatura de Exploração

A respeito do surgimento dos primeiros escritos literários nos Estados Unidos, High (1986, p. 5, tradução nossa), postula que “Os primeiros escritores eram homens ingleses descrevendo a exploração e colonização inglesa do Novo Mundo (América)”. Com relação a essas tentativas de colonização, Bessa (2008) descreve que o início da colonização foi desastroso, com muitos colonos enfrentando a fome, ausência de leis e condições de sobrevivência precárias, principalmente no inverno.

Segundo VanSpanckeren (1994), entre os primeiros relatos dessa colonização, podemos mencionar o famoso *A Briefe and True Report of the New-Found Land of Virginia* (1588) do matemático inglês Thomas Harriot (1560-1621), que registra a formação da primeira colônia inglesa em 1585, na ilha de Roanoke, atual Carolina do Norte. O desaparecimento repentino de todos os colonos de Roanoke fundamenta lendas e especulações até os dias atuais. A obra em questão se tornou conhecida ao redor do mundo, sendo republicada por mais de 200 anos e traduzida para várias línguas.

Em 1607, a segunda colônia inglesa foi estabelecida no continente americano. Tendo sido a primeira colônia a se tornar permanente, foi batizada de Jamestown. High (1986) postula que a colonização de Jamestown é registrada pelos escritos do Capitão inglês John Smith (1580-1631), um de seus fundadores. Entre os relatos escritos por Smith, podemos mencionar *The General Historie of Virginia, New England, and the Summer Isles* (1624), que narra a história da famosa princesa indígena Pocahontas. Outras obras de John Smith como *True Relation of Virginia* (1608) e *Description of New England* (1616), também descrevem a colonização e serviram como propaganda para persuadir os leitores a se mudarem para o Novo Mundo.

De acordo com VanSpanckeren (1994), foi no século XVII que a segunda leva de colonos permanentes chegou ao Novo Mundo. Esses colonos levaram suas esposas, filhos, ferramentas e implementos agrícolas, dando continuidade à permanência inglesa na América. As obras literárias produzidas durante esse período ficaram conhecidas como Literatura Colonial. A seguir, veremos como se deu o surgimento e desenvolvimento dessa literatura, que refletia, principalmente, as crenças e ambições dos primeiros habitantes das colônias americanas.



2.3 Literatura Colonial

A literatura surgida durante o período de colonização inglesa na Nova Inglaterra é amplamente conhecida como Literatura Colonial. Entre os grupos de colonizadores que mais se destacaram dentro do cenário literário e intelectual do Novo Mundo estão os puritanos. De acordo com VanSpanckeren (1994), os membros desse grupo buscavam atingir elevados níveis de educação para entender e executar a vontade de Deus na terra que lhes foi prometida.

No que equivale a seus costumes, Bessa (2008), comenta que os puritanos desaprovavam qualquer ação que os afastasse de Deus. Muitas diversões seculares como danças e jogos de cartas eram associadas à vida imoral dos aristocratas e condenadas por esse grupo. No que se refere à escrita, VanSpanckeren (1994, p. 7) afirma que “As mentes puritanas dedicavam suas energias a gêneros piedosos e alheios à ficção: poesia, sermões, textos teológicos e relatos históricos”.

High (1986) destaca que entre as obras puritanas mais interessantes está *Of Plymouth Plantation* (1651), do inglês puritano William Bradford (1590-1657). A obra em questão narra as dificuldades das relações entre os puritanos e os indígenas, e descreve as atribulações enfrentadas por eles durante o primeiro inverno, ao mesmo tempo em que “é profundamente influenciada pela crença de que Deus comanda tudo que acontece” High (1986, p. 7, tradução nossa).

Outrossim, VanSpanckeren (1994) articula que outro importante escritor desse período foi o ministro norte-americano e puritano protestante Cotton Mather (1663-1729). Considerado por muitos como mestre dos intelectuais, Mather escreveu mais de 500 livros e panfletos sobre o Novo Mundo. Entre seus principais trabalhos, podemos destacar *Magnalia Christi Americana* (1702), que é apontada como sua obra mais ambiciosa e descreve a colonização da Nova Inglaterra. VanSpanckeren (1994, p. 12), aponta que “O enorme livro apresenta a missão divina dos Puritanos, na terra desconhecida de estabelecer o Reino dos Céus; sua estrutura é uma série de narrativas sobre a vida de ‘Santos’ americanos representativos”.

Bessa (2008) aponta que outro autor puritano a obter destaque durante o período colonial foi o pastor americano Jonathan Edwards (1703-1758). Defensor do calvinismo rigoroso, ele transmitia em seus escritos um senso de dever exacerbado e puritanismo severo. Entre suas



obras de maior destaque, podemos mencionar *Sinners in the Hands of an Angry God* (1741), um sermão impactante que levava congregações inteiras ao pranto histórico. Apesar de seus sermões terem contribuído significativamente para o período que ficou conhecido como Grande Despertamento, sua rigorosidade findou por afastar as pessoas do calvinismo por ele defendido. VanSpanckeren (1994, p. 13) afirma que “seus sermões dogmáticos e medievais não se adequavam à experiência próspera e relativamente pacífica dos colonos do século XVIII”.

VanSpanckeren (1994) também acrescenta que, enquanto os escritores da região norte concentravam suas energias na escrita religiosa, a produção literária nas colônias da região sul assumia características aristocráticas. A literatura sulista refletia os sistemas sociais que dominavam as plantações e, de acordo com Bessa (2008, p. 24) “Os primeiros imigrantes ingleses foram atraídos às colônias do sul devido às oportunidades econômicas, e não em busca de liberdade religiosa.” Em suma, VanSpanckeren (1994) ressalta que a literatura sulista foi estabelecida baseando-se em ideais de classes abastadas de fazendeiros partidários da escravidão.

Além disso, VanSpanckeren (1994) afirma que entre os autores que representam o estilo da elite colonial sulista podemos destacar o inglês William Byrd (1543-1623). Ele é conhecido por sua obra *History of the Dividing Line* (1729), um diário de viagem que apresenta um levantamento topográfico acerca da fronteira do território da Virgínia e Carolina do Norte. VanSpanckeren (1994, p. 14) ainda acrescenta: “Os escritos de Byrd constituem excelentes exemplos do grande interesse que os sulistas tinham pelo mundo material: a terra, os índios, as plantas, os animais e os colonos”.

Também foi durante o período colonial que surgiram importantes escritores negros, entre eles, Ouladah Equiano, o primeiro negro a escrever uma autobiografia, intitulada de *The Interesting Narrative of the Life of Ouladah Equiano, or Gustavus Vassa the African*. A esse respeito, Vanspanckeren (1994, p. 15) postula que essa obra é um exemplo pioneiro do gênero narrativa escravista, pois nela Equiano, além de descrever sua terra natal, também relata os horrores e crueldade da sua captura e escravização nas Antilhas, lamentando de forma comovente o tratamento “não-cristão” que recebeu nas mãos dos cristãos. Esse sentimento expressado por Olaudah Equiano seria compartilhado por muitos afro-americanos em obras literárias nos séculos seguintes.



Ainda durante o período colonial, uma combinação de fatores sociais, políticos e culturais acarretou mudanças no foco temático das obras literárias produzidas, o que influenciou na transição da Literatura Colonial para a chamada Literatura Revolucionária. As tensões existentes entre as colônias americanas e a Grã-Bretanha cresciam, gerando sentimento de descontentamento entre os colonos e a propagação de ideias iluministas, promovendo assim o surgimento de líderes intelectuais e políticos. Fazendo uso da literatura, os escritores desse período passaram a expressar suas preocupações e aspirações nos seus escritos literários, concebendo o conjunto de obras conhecido como Literatura Revolucionária, que será discutida no tópico a seguir.

2.4 Literatura Revolucionária

Durante o século XVIII, a América viveu a chamada Era da Razão. As ideias iluministas se alastraram pelo território americano, influenciando o cenário político e literário da época. A produção literária desse período foi intitulada de Literatura Revolucionária, tendo sido produzida por escritores e pensadores que acreditavam avidamente nos ideais iluministas de liberdade, justiça e igualdade. VanSpanckeren (1994) afirma que esses autores não mais toleravam dogmas religiosos e desigualdade, eles optaram pela busca da ciência, da razão e do progresso. High (1986, p. 15, tradução nossa) complementa que “a escrita mais memorável da América do século dezoito foi feita pelos Pais Fundadores, os homens que lideraram a Revolução de 1775-1783 e escreveram a Constituição de 1789”.

Entre os autores mais importantes desse período, podemos destacar Benjamin Franklin (1706-1790), que foi escritor, tipógrafo, editor, cientista, filantropo e diplomata, além da figura privada mais famosa e respeitada de sua época (VanSpanckeren, 1994). Em 1732, iniciou a publicação da revista *Franklin Poor Richard's Almanack* que o tornou bem-sucedido e conhecido em toda colônia. Franklin era conhecido pelos seus livros de autoajuda, encorajamento e conselhos, ademais, sua própria autobiografia é, em parte, um livro de conselhos escrito para seu filho. VanSpanckeren (1994, p. 18) acrescenta que “Mesmo próspero e famoso, Franklin nunca perdeu sua sensibilidade democrática e foi figura de proa na convenção de 1787, que redigiu a Constituição dos Estados Unidos”,



Nesse contexto, faz-se importante abordar a forma mais comum de literatura política na época da revolução, os panfletos políticos. Em vista disso, VanSpanckeren (1994) afirma que quem se destacou nesse quesito foi o político britânico Thomas Paine (1737-1809), considerado o maior escritor de panfletos da Revolução Americana. Em 1776, ele escreveu o panfleto mais importante da história americana, *Common Sense*. Sua escrita repleta de empolgação e linguagem clara vendeu mais de 100.000 exemplares nos primeiros meses e foi responsável por inflamar os espíritos americanos nesse período. Bessa (2008) acrescenta que tão importante para a Revolução quanto Paine, foi Thomas Jefferson (1743-1826), o 3º presidente dos Estados Unidos e principal autor da *Declaração de Independência* (1776), o documento mais importante da história política americana.

Segundo VanSpanckeren (1994), apesar do sentimento de grandeza despertado no povo americano pela revolução, a independência literária e cultural teve um caminho mais longo a ser percorrido e foi retardada por vários fatores. Bessa (2008, p. 29) complementa ao dizer que “a independência literária americana foi desacelerada por uma prolongada identificação com a Inglaterra, uma imitação excessiva dos modelos literários ingleses ou clássicos [...]”.

Não obstante, VanSpanckeren (1994) aponta que os autores tinham que enfrentar difíceis condições políticas e econômicas, como a falta de público, a péssima assistência editorial, publicidade medíocre e a pirataria. Esse conjunto de fatores resultou em um período de estagnação literária nos Estados Unidos, com as obras produzidas sendo duramente criticadas e pouco apreciadas pelo público, que dava preferência à já desenvolvida literatura inglesa. A esse respeito, VanSpanckeren (1994, p. 18) explica que:

O ponto alto da pirataria, 1815, corresponde ao ponto mais baixo na literatura americana. Mas a oferta abundante e barata de livros estrangeiros e clássicos pirateados durante os primeiros cinquenta anos da nação, teve o mérito de educar os americanos, inclusive os primeiros grandes escritores, que começaram a surgir por volta de 1825.

Todavia, VanSpanckeren (1994) comenta que, apesar da preocupante estagnação literária, surgiram alguns ficcionistas relevantes durante o período pós-revolucionário, tais como o estadunidense Charles Brockden Brown (1771-1810), conhecido por ser o primeiro escritor americano profissional. Vivendo na pobreza, ele escreveu em dois anos as obras



Wieland (1798), *Arthur Mervyn* (1799), *Ormond* (1799) e *Edgar Huntley* (1799). Recorrendo a cenários americanos, Brown desenvolveu o gênero gótico, caracterizado pelo suspense e profundidade psicológica extrema. VanSpanckeren (1994, p. 25) acrescenta que “Embora imperfeita, sua obra é sombriamente poderosa. Cada vez mais, é visto como predecessor de escritores românticos como Edgar Allan Poe, Herman Melville e Nathaniel Hawthorne”.

Bessa (2008) menciona que outro importante ficcionista americano foi James Fenimore Cooper (1789-1851), que descrevia em suas obras as mudanças nas terras ainda intocadas, além de tratar de outros temas como o mar e o confronto de pessoas de diferentes culturas. VanSpanckeren (1994) afirma que diferente de outros autores americanos, Cooper buscava inspiração para suas histórias na América, e em 1823, começou a escrever o romance *The Pioneers*. Cooper também escreveu mais cinco romances, que se conectam através da vida de seu renomado personagem Natty Bumppo. A pentalogia é chamada *The Leatherstocking Tales*.

Além disso, de acordo com Bessa (2008), o ficcionista e diplomata Washington Irving (1783-1859) também é digno de nota no que compete à ficção americana. Irving é conhecido por vários trabalhos, entre eles *A History of New York* (1809) e *The Sketch Book* (1819), obra que contém duas das histórias mais amadas da literatura americana: *Rip Van Winkle* e *The Legend of Sleepy Hollow*. Em suma, VanSpanckeren (1994, p. 21) conclui que:

Os primeiros escritores importantes de ficção amplamente reconhecidos hoje, Charles Brockden Brown, Washington Irving e James Fenimore Cooper, usavam personagens americanas, perspectivas históricas, temas envolvendo mudança e nostalgia. Escreveram em muitos gêneros de prosa, iniciaram novas formas e encontraram meios de ganhar a vida com a literatura. Com eles, a literatura americana começou a ser lida e apreciada nos Estados Unidos e o exterior.

Os autores mencionados acima desempenharam, sem dúvida, papéis de suma importância no que tange ao desenvolvimento da Literatura Norte-Americana, contribuindo para a emergência de uma tradição literária inédita nos Estados Unidos e ajudando a moldar a identidade literária do país. No tópico seguinte, iremos explorar a contribuição desses autores, assim como de outros previamente citados nesse trabalho e dos períodos perpassados por eles,



a fim de compreender como se deu a construção dos alicerces da Literatura Norte-Americana e a consolidação da mesma no cenário literário mundial.

3 A Consolidação da Literatura Norte-Americana: Uma Breve Análise

A partir da análise de trabalhos publicados por Bessa (2008), High (1986), McMichael (1986) e VanSpanckeren (1994), nos propomos a investigar as primeiras fases da literatura norte-americana até a chegada do período Revolucionário, que foi seguido por uma preocupante estagnação literária que evidenciava a dependência da literatura dos modelos clássicos ingleses. Esse período de estagnação na literatura só chegou ao fim com o surgimento dos primeiros ficcionistas, que, ao desenvolverem os cenários e estilos norte-americanos, traçaram o percurso para a primeira grande geração de escritores que ainda estava por vir.

Apesar de pouco explorada pelos pesquisadores norte-americanos, a literatura oral produzida pelos nativos indígenas é de suma importância para a construção da língua inglesa atual, que conta com inúmeras palavras originárias de tribos nativas. Além disso, essa produção literária oral também baseia vários mitos e lendas que fazem parte do folclore norte-americano. Vale mencionar também que a variedade de tribos e línguas exerceu na literatura pré-colonial grande influência, produzindo uma considerável diversidade literária através da adaptação de histórias.

Essas variações literárias se davam principalmente de uma região para outra, por exemplo, as histórias das tribos que viviam em regiões desérticas, como os Hopi, divergiam das histórias de tribos que habitavam a região dos lagos, ao norte, como os Ojibwa. As lendas dos caçadores nômades também eram muito diferentes das produzidas pelos agricultores, que se fixaram em determinada região. Em síntese, essas narrativas foram transmitidas durante séculos por contadores de histórias de diferentes tribos e, atualmente, vivem nas obras de muitos escritores indígenas americanos.

No que compete à Literatura de Exploração, podemos afirmar que essa foi de fundamental importância para a colonização das terras americanas, já que os relatos dos primeiros exploradores, muitos deles “enfeitados” com informações fantasiosas, incentivaram e persuadiam as pessoas a rumarem para o Novo Mundo. Os puritanos, por exemplo, estudaram o relato *Description of New England* (1616), do capitão John Smith, antes de decidirem se assentar na Nova Inglaterra, em 1620.



Através de seus relatos, John Smith retratava a América combinando duas imagens populares na Europa do século XVII: um paraíso glorioso e de fácil riqueza e uma terra que recompensaria aqueles que mostrassem empreendimento e trabalho duro. Portanto, podemos concluir que ao mesclar a ficção e a verdade, expondo as virtudes e benefícios do Novo Mundo, Smith criou uma propaganda que atraiu colonos ingleses durante séculos, além disso, ao escrever relatos sobre Virginia, ele elaborou a principal fonte de informações sobre a extinta língua indígena Powhatan.

A respeito da Literatura Colonial, destacamos a produção literária feita pelos puritanos, que imigraram para o Novo Mundo por motivos religiosos, objetivando criar uma sociedade onde pudessem professar livremente a sua fé. Um dos líderes puritanos, William Bradford, narra em seu diário *Of Plymouth Plantation*, o assentamento da primeira colônia puritana e o estabelecimento de relações entre colonos e indígenas, constituindo assim um importante registro histórico, que remonta ao século XVII, da colonização inglesa na América. Além disso, os escritos de Bradford influenciaram os escritores posteriores a ele, como Jonathan Edwards e Cotton Mather, que consultavam esses relatos como fonte de informação e inspiração para suas obras. Em relação às demais características da escrita puritana, salientamos o *Plain Style*, uma forma de comunicação clara e objetiva, adotada por eles a fim de facilitar a compreensão e o ensino da palavra de Deus. O *Plain Style* é, até os dias atuais, a forma mais comum de comunicação na língua inglesa.

Com o declínio do fervor religioso e a propagação de correntes filosóficas como o Iluminismo, o século XVIII tornou-se palco para a famosa Era da Razão. A disseminação de ideias iluministas insuflou a revolução Americana contra a Grã-Bretanha, e, durante essa luta pela liberdade, surgiu a Literatura Revolucionária. É pouco dizer que os escritos revolucionários foram importantes para a consolidação da independência americana, já que esses constituem uma das ferramentas mais eficientes na difusão de ideias em favor da revolução.

Nesse sentido, podemos destacar os panfletos políticos do escritor Thomas Paine, um propagandista que obteve sucesso escrevendo panfletos de forma lúcida e simples, usando humor, imagens, anedotas e metáforas efetivas. Outro importante autor durante esse período foi Thomas Jefferson, que refletia em suas obras as ideias de direitos naturais, empregando um discurso social e simples na *Declaração de Independência* escrita por ele. Além disso, a



relevância assumida por Benjamin Franklin nesse período é incontestável. Uma das personalidades mais conhecidas dos Estados Unidos, Franklin desempenhou importante papel na conquista da independência norte-americana e no contexto literário da época, com a criação da revista *Poor Richard's Almanack*, onde publicava desde ensaios políticos até ditados que são populares na cultura americana até os dias atuais.

A literatura surgida após o período revolucionário frustrou as expectativas do povo americano que ansiava pelo surgimento de uma literatura restaurada e independente dos padrões ingleses. Sabemos que os escritores que viviam no recém-formado Estados Unidos da América eram ingleses ou descendentes de ingleses, logo, não possuíam plena identificação com o sentimento de nacionalismo americano, produzindo obras que consistiam em imitação dos clássicos ingleses e que pouco exploravam os cenários americanos, ou seja, pouco relevantes para o processo de construção da nova literatura almejada. A falta de um sentimento de pertencimento aliada a péssimos direitos editoriais e a pirataria crescente resultou em um período de estagnação da literatura norte-americana, retardando o desenvolvimento literário do país.

Apesar disso, surgiram durante esse período alguns ficcionistas de extrema importância para a solidificação e desenvolvimento dessa literatura. Nomes como Washington Irving, James Fenimore Cooper e Charles Brockden Brown, buscaram inspiração para suas obras nas terras americanas, e, dessa forma, contribuíram para a formação de uma literatura que abrangia o nacional americano da época. Além disso, eles também criaram novas formas de escrita e são vistos atualmente como precursores de grandes escritores norte-americanos como Walt Whitman, Nathaniel Hawthorne e Edgar Allan Poe.

4 Considerações Finais

Por fim, ao vislumbrar brevemente os objetivos preestabelecidos neste trabalho, tais como a contribuição para a compreensão acerca da cultura, história e valores norte-americanos, a exploração de experiências e perspectivas de grupos diversos e a reflexão crítica de questões sociais e políticas tratadas na literatura no decorrer da história norte-americana, destacamos a importância das informações condensadas durante essa pesquisa, que servirão como base para



estudos literários, culturais e sociopolíticos norte-americanos, conquistando assim aos objetivos descritos acima.

Em síntese, podemos concluir que a Literatura Narrativa Norte-Americana atravessou muitas fases até finalmente alcançar sua independência e consolidação. Apesar de só ter sido reconhecida e apreciada a partir do século XVIII, os escritos literários desse país abrigam um riquíssimo arsenal de obras que remetem a todos os períodos históricos perpassados. Em conclusão, salientamos que todos os períodos tratados neste trabalho foram fundamentais para o desenvolvimento da história e da Literatura dos Estados Unidos, que alcança atualmente a posição de umas das mais conceituadas do mundo.

Referências

BESSA, Maria Cristina. **Panorama da Literatura Norte-Americana**: dos primórdios ao período contemporâneo. São Paulo: Alexa cultural, 2008, 11-37.

HIGH, Peter. B. **An Outline of American Literature**. Nova Iorque: Longman Inc, 1986, 5-27.

MCMICHAEL, George. **Anthology of American Literature**. Nova Iorque: Macmillian Publishing Company, 1986, 1-53.

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Tradução: Márcia Biato. Departamento de Estado dos Estados Unidos da América: 1994 3-25.

PERSPECTIVAS PSICANALÍTICAS NO CONTO; “EVELINE”, DE JAMES JOYCE

Natália Bezerra Rodrigues Ferreira
(UFCCG)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar conto "Eveline" (1904) extraído do escritor Irlandês James Joyce (1882-1941), que trouxe às páginas a protagonista Eveline Hill, cuja vida é amplamente afetada pelos seus traumas de história pessoal, tornando-a "passiva como um animal indefeso", como afirma o autor. Desse modo, o presente artigo avalia a personagem Eveline a partir de um ponto de vista psicanalítico de acordo com o pensador Sigmund Freud, de acordo com Lima (2009), Cunha (2008), Silva (2010), dentre outros, investigando os motivos que a fizeram ter comportamentos e pensamentos complexos que afetaram as suas decisões. A análise se dá por meio das ideias de ego, superego e id, além da